

APOSTA NO FUTURO

ÉRICA MONTENEGRO

DA EQUIPE DO CORREIO

O vaivém de caminhões, a poeira nas ruas, os prédios que surgem da noite para o dia, a movimentação dos pedreiros em Águas Claras trazem a leve lembrança da época da construção da capital. Aos 43 anos, o Distrito Federal vive a criação de uma nova cidade. Localizado entre Taguatinga e Plano Piloto, o bairro, previsto para acomodar 200 mil pessoas, tem 22 mil moradores. Como os pioneiros que chegaram na década de 60, eles têm muitas reclamações a fazer, mas já aprenderam a amar o novo endereço.

“Aqui é uma tranquilidade só”, elogia a professora Ana Maria Rodrigues Souza, 50 anos, que trocou Taguatinga por Águas Claras há dois anos. Para Ana Maria, o silêncio noturno das quadras desabitadas é preferível à agitação do antigo endereço. A mudança também inclui um novo hábito de vida da professora: agora ela faz caminhada diárias no parque da cidade. O espaço verde de 86.347 hectares — que recebeu parte da área da residência oficial do GDF — é usado por cem pessoas durante a semana. Aos sábados e domingos, o público triplica.

“Esse parque é a melhor coisa de Águas Claras”, diz o funcionário público aposentado Afonso Carvalho, que mora na cidade há três anos e também é assíduo no lugar. Afonso não se arrepende do investimento feito na nova cidade — vivia em um apartamento de 86 m² na Asa Sul, o atual tem 120 m². Mas cita a urbanização precária e a distância do centro de Brasília como os principais problemas do lugar.

“Para ir ao supermercado, por exemplo, é necessário ir até Plano Piloto ou Taguatinga”, conta. Além das queixas, a pequena variedade do comércio rendeu um bem-humorado comentário: em Águas Cla-

Paulo de Araújo



ANA MARIA RODRIGUES (E) TROCOU TAGUATINGA POR ÁGUAS CLARAS: CAMINHADAS DIÁRIAS NO PARQUE EM COMPANHIA DE AMIGAS

ras se diz que o telefone e o carro são tão essenciais quanto a cabeça, o tronco, os braços e as pernas.

O bairro aguarda a sanção por parte do governador Joaquim Roriz de lei que o transformará em nova região administrativa. Hoje, Águas Claras está subordinada à Taguatinga. “É a independência que precisamos para conseguir mais recursos para a cidade”, diz o subadministrador de Águas Claras, Jadder Maurício Barbosa, morador do bairro. Diariamente, ele recebe 50 pessoas em seu gabinete. A maioria faz reclamações. “São pessoas exigentes que sempre estão aqui cobrando melhorias e é bom que seja assim”, avalia.

Para Jadder, a explicação para os problemas de falta de infra-estrutura é simples: como a cidade tem pouco mais de 10% dos espaços ocupados não dá para exigir que a urbanização esteja completa. Criada há pouco mais de dez anos, Águas Claras demorou a emplacar. Os primeiros prédios só foram inaugurados em meados da década de 90 porque a maioria das construções estava a cargo de

cooperativas, que tem ritmo mais lento do que a iniciativa privada.

O volume de inaugurações cresceu em 2000 e a previsão do mercado imobiliário é que deve continuar alto nos próximos cinco anos. Águas Claras tem sido a opção da classe média que não encontra lugar no Plano Piloto ou no Sudoeste e prefere não arriscar dinheiro em condomínios irregulares. O metro quadrado no bairro custa R\$ 1.600, quase 50% mais barato do que nos bairros centrais de Brasília.

“Daqui pra frente só vai melhorar”, aposta o assessor parlamentar André Boratto, que mora em Águas Claras há dois anos. Ele enumera as vantagens da cidade dos espigões: “É o lugar mais seguro do DF porque os prédios são cercados, é a cidade melhor atendida pela rede de transporte público, por causa das estações do metrô”. Para André, que está comprando seu segundo apartamento na cidade, Águas Claras não é a cidade do futuro, mas sim do presente. “Eu adoro este lugar.”

UM SETOR CHEIO DE CHARME

Se o novelista Manoel Carlos decidisse ambientar uma de suas histórias em Brasília, ela poderia se passar no Sudoeste. Restaurantes, bares e livrarias que servem de cenário à novela global possuem similares perfeitos no bairro brasiliense. Os encontros no calçadão do Leblon bem que poderiam acontecer nas pistas do Parque da Cidade ou na calçada que contorna o Setor Econômico.

Não há nada mais fiel ao estilo Manoel Carlos, entretanto, do que os próprios moradores do lugar: o Sudoeste, criado há 14 anos, é endereço de gente sofisticada. No bairro, vivem 20 mil brasilienses de classe média alta. A renda dos moradores está acima de R\$ 4 mil. Nas duas avenidas que cortam o bairro, o comércio é variado.

O charme, o conforto do bairro e a localização privilegiada — o Sudoeste fica a cinco minutos de carro do centro de Brasília — inflacionaram o preço dos imóveis. O metro quadrado construído custa R\$ 3 mil, o equivalente a endereços nobres da Asa Norte e da Asa Sul.

Há seis anos, porém, a vida no Sudoeste não era tão glamourosa. A urbanização era deficitária. As ruas sem asfalto rendiam ao bairro apelidos como Barroeste, Sudolama e Faroeste. “Quando mudei pra cá, isso aqui era um deserto”, lembra a advogada Patrícia Dias, 25 anos. Para melhorar a situação, foram necessários investimentos pesados das construtoras e do governo local. “Entregávamos as quadras praticamente urbanizadas para convencer as pessoas a se mudar”, conta Nilo Cerqueira, diretor da Associação dos Dirigentes das Incorporadoras e Construtoras do Mercado Imobiliário (Ademi).